



# FLOR DA MORTE

Sergio Buarque de Holanda

UM dos característicos bem notórios de algumas épocas de exacerbado gosto pelos aspectos técnicos e formais da poesia está em que se fazem acompanhar com frequência de um embotamento correspondente da sensibilidade poética. Já me ocorreu, aqui mesmo, denunciar o que pode existir de bizantino, mesmo de canhestamento bizantino, em semelhante gosto. É que a preocupação das minúcias técnicas, suscetíveis de medida de confronto, tende, na maioria dos casos, a tornar-se exigente e totalitária, abolindo os elementos imponderáveis que formam a verdadeira substância da criação artística. E como a árvore que não deixa ver a floresta, bem pode acontecer que aquelas minúcias nos fechem os olhos a qualquer realidade mais alta e mais plena.

Dos que buscam, cheios de afincamento intelectual, os segredos íntimos da poesia não é excessivo dizer que se comparam muitas vezes ao filósofo provido de uma lanterna, que procura elucidar o mistério das trevas. Em tôda sabedoria, o conceito da perfeição está no conhecimento da própria imperfeição, dos próprios limites. E nenhuma análise crítica poderá ser suficientemente rigorosa se não deixar lugar à parte do acaso (outros dirão: à parte do divino).

Creio que ao esquecimento, hoje crescente, destas velhas verdades, se deve largamente a pouca atenção que vêm recebendo entre nós valores poéticos, que, embora dos mais generosos, parecem oferecer escassa margem às investigações de ordem técnica.

Digo pouca atenção num sentido bastante relativo, sem dúvida, pois que a obra poética de Hen-

riqueta Lisboa, que me sugeriu estes comentários, nunca deixou de ter seus devotos. Mas raras vezes, ao que eu saiba, se reconheceu o lugar devido ao seu autor entre as poucas figuras realmente importantes da poesia brasileira atual. Começando a escrever e a tornar-se conhecida de 1930, longe dos centros onde a publicidade é naturalmente fácil e indiscreta, sua ascensão não foi espetacular. No entanto, se até ao aparecimento, em 1945, de 'A Face Lívida', era possível hesitar um pouco sobre o significado de sua contribuição, não sei se cabe alguma dúvida a respeito depois de 'Flor da Morte' (Edições João Calazans, Belo Horizonte, s. d.), que saiu nestes últimos meses. Não que a qualidade e os motivos de sua poesia tenham sofrido alguma radical mudança, semelhante, por exemplo, à que afetou a de um Cassiano Ricardo com 'Um Dia depois do Outro', e com 'A Face Pálida'. 'Flor da Morte' continua, amplifica e enriquece os temas que insistentemente vêm dominando essa poesia. Mas ao mesmo tempo que lhes assegura continuidade, é como se iluminasse mais vivamente o que antes parecerá apagado e mofo, de modo que o todo ganha timbre novo e novas dimensões. Relendo agora suas obras antecedentes, do ponto privilegiado a que esta nos transporta, a voz do poeta chega-nos mais unida e harmonizada. E assim, seu último livro não vale apenas pelo que é, mas ainda pelo valor que empresta ao conjunto de uma criação artística admiravelmente coerente.

HA MAIS um aspecto que ajuda, talvez, a bem situar a obra de Henriqueta Lisboa em

nossa paisagem literária. Vinda de uma geração de poetas que queriam, em sua generalidade, mais excitante o espetáculo da vida presente, colorindo-a ou deformando-a a poder de artifícios, essa obra, embora se dirija ao mesmo auditório, responde nitidamente a uma solicitação espiritual diferente. No mundo visível ela não atenta especialmente para o contraste ora mágico, ora repulsivo, ora tedioso, ou simplesmente absurdo das luzes e das sombras, das tintas e dos sons, como para algum remoto apelo que lhe vem de certos aspectos da realidade quotidiana: aquela inocência que se traduz nos olhos do velho bêbedo

(Azul do céu, limpidez de lírios amanhecendo),

a lua distante, que pode ver, sem corar, o turbilhão terreno, o segredo insondável da infância, a singela pureza de um cântaro:

Como podes ser puro e suave cântaro

— corpo de barro?

E se a constante demanda do eterno através do anedótico e do temporal, separa-a dos autores confessadamente profanos, não a separa menos daquela religião 'regional', que tanto inquietava Mário de Andrade diante de algumas produções de um Murilo Mendes, onde Nossa Senhora acaba falando inglês e Deus Todo Poderoso vai jogar nas corridas de cavalos. A sua é uma catolicidade que se quer manter fiel ao sentido originário da palavra "católico", isto é, universal, — direi quase cosmogônica. Falta-lhe talvez, a essa catolicidade, para ser plena e perfeita, aquele sentimento, que não faltou ao franciscanismo, nem sequer ao jesuitismo ou mesmo a alguns misticismos, sentimento de que a existência temporal é amável e digna de viver-se enquanto parábola da Eternidade, criação celeste ou caminho para a Glória divina. Em seu universalismo, a vida terrena e mortal não encontra guarida possível, salvo como uma contingência melancólica: "o desgosto e a necessidade da vida".

A PLENITUDE, que forma aqui um alvo constante e uma impaciente aspiração, constitui a imagem invertida de todos aqueles insidiosos tumultos humanos. Há de ter em si a cristalina limpidez da água e a rijeza e indiferença da pedra, é "sombra sem matéria", "silêncio de antes da gênese", e paz — a "paz dos cristais sem nenhuma idéia de som", "a paz acima de qualquer corpo humano ou mácula" e também

A que nos tempos não se en-  
(contra  
a que foi desejo de Deus.

(Conclui na 6.ª página)

## Flor Da Morte

(Conclusão)

O pensamento da morte, tema constante do poeta, sobretudo no último livro, tem lugar definido nessa cosmogonia. Não a morte erigida em experiência prolongadora e enriquecedora, como em um Whitman. Não, como em Baudelaire, a libertadora do tédio de viver, transição para o diferente e o desconhecido. Nem, e ainda menos, a morte "individual" e própria a cada homem, de Rainer Maria Rilke. Volta ao regaço perene e imutável, recuperação da pátria comum, que hoje perdura tal como no instante da gênese, ela é em essência despersonalizadora, e enquanto não signifique inquieto e ditoso abandono pode significar quando muito participação emotiva. Poucos, entre nossos autores modernos, puderam chegar em realidade a uma expressão tão tensa de emotividade como o que escreveu o *Acalando do Morto*, onde uma ressonância voluntária de outro grande poeta não impede que seja criação admiravelmente pessoal e única:

Viverá comigo  
tua morte. Dorme.  
Guardarei impávida  
tua morte. Dorme.  
Tua morte é minha,  
não a sofras.

FOI ENFIM a morte, não apenas remate de vida, mas restauração da Vida, que inspirou as linhas onde, melhor do que qualquer análise intelectual, se contém e resume a inspiração central deste poeta:

Com seus aventais de linho  
— fâmula — esfrega as vi-  
(draças.  
Tem punhos ágeis e esponjas.  
Abre as janelas, o ar precipi-  
(ta-se  
inaugural para dentro das sa-  
(las.  
Havia impressões digitais nos  
(móveis,  
grãos de poeira no interstício  
(das fechaduras.  
Porém tudo voltou a ser co-  
(mo antes da carne e sua de-  
(sordem.

— x —

REMESSA DE LIVROS — Rua  
Haddock Lobo, 1625. (São Paulo).